O PERFIL MARIANO DA IGREJA

 Prof. Dr. Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro, F.M.S. “Quando a inteligência da fé olha um tema à luz de Maria, coloca-se no centro mais íntimo da verdade cristã”.(Verbum Domini, 27).

 O autor que mais aprofundou ao estudar a relação Maria e a Igreja e daí o Principio Mariano entre outros foi Hans Urs Von Balthazar.

 O Papa João Paulo II em várias circunstâncias em não poucas ocasiões trouxe o tema à reflexão.

 Bento XVI assume a mesma doutrina.

 Praticamente esta abordagem tomara como base os três autores citados, sem excluir outras colaborações.

 **A Igreja existiu desde a encarnação**, certamente não em sua forma institucional – somente muito mais tarde Jesus chamará os doze e os enviará com plenos poderes para pregar e administrar os sacramentos -, mas **numa forma tão perfeita (“imaculada”, Ef 5,27) como jamais se registrou depois.**

 A idéia realizadora da Igreja está no início. Tudo o que segue, também o ministério com suas funções salvíficas, é secundário em relação a ela, embora não marginal, já que a Igreja tem em vista justamente recuperar e salvar o mundo pecador.

 Em Maria, a Igreja já assumiu a figura corpórea antes de estar organizada em Pedro.

 **A Igreja é em primeiro lugar – e este “em primeiro lugar” é algo permanente – feminina, antes de receber o seu lado masculino complementar no ministério eclesiástico.**

 Maria-Igreja, esta relação nunca fora apresentada com tanto vigor, profundidade e essencial como no Concilio Vaticano II: **Maria não é modelo que a Igreja deva contemplar “de fora”.** Ela é a figura da Igreja, a sua plena realização. **A essência da Igreja é “mariana”** (cf. capítulo VIII da Lumen Gentium).

 Maria no seu “sim” é a forma plasmadora da Igreja. Este “sim” não é apenas resposta individual, contém, no entanto, a dimensão coletiva de abertura de todo o gênero humano para Deus. Esta dimensão do “sim” foi o que levou Lucas a observar que ouvida a saudação do anjo “Maria ficou intrigada e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação” (Lc 1,29).

 Maria tem papel central na Igreja, daí porque são inúmeras as conseqüências para o modo de ser Igreja. É a partir desta reflexão que Von Balthasar extrai uma das intuições mais geniais, identificando nas varias dimensões da Igreja a continuação das experiências arquetípicas da fé das pessoas que circundaram Jesus na sua vida. Para ele, Jesus ressuscitado não pode ser isolado daquela que foi a “constelação” de sua vida histórica. Daí contempla os princípios PETRINO (Pedro), PAULINO (Paulo), JOANINO (João) e JACOBINO (Tiago) e o princípio MARIANO que antecede todos eles. Cada um deles será desenvolvido à frente.

 É na continuidade dessa intuição de Von Balthasar que João Paulo II anunciou:

  **“Na aurora do novo milênio, divisamos com alegria o surgimento desse perfil mariano da Igreja, que compendia em si o conteúdo mais profundo da renovação conciliar”** (audiência, 25 de novembro de 1998).

 No encontro com o Colégio Cardinalício e a Curia Romana, no ano 1987, Von Balthasar é citado como pai da sua afirmação:

 “Maria, a Imaculada, precede todos os outros, e, obviamente a Pedro e os apóstolos, provindo da massa do gênero humano que nasce sob o pecado, fazem parte da Igreja “sancta ex peccatoribus”, mas também porque o seu tríplice *múnus não tem outro objetivo senão formar a Igreja naquele ideal de santidade, que já é pré-formado e prefigurado em Maria.* A dimensão mariana da Igreja antecede a petrina, embora lhe seja estreitamente unida e complementar. Como bem disse um teólogo contemporâneo, Maria é “rainha dos Apóstolos sem pretender para si os poderes apostólicos. **Ela tem outras coisas e muito mais”** ( H.U. Von Balthasar. Neue Klarstellungen, trad. Ital., Milão, 1980, p. 181).

 Na “Mulieris Dignitatem” – 1988 – João Paulo II afirmou que o perfil mariano **“é tão – se não mais – fundamental e caracterizaste para a Igreja quanto o perfil *apostólico e petrino*, ao qual está profundamente unido”.** Cita expressamente Von Balthasar como o teólogo que aprofundou de maneira original e brilhante “o Principio Mariano” da Igreja, prestando assim o mais alto reconhecimento ao seu autor. (MD, 27, nota 55).

 O Princípio Mariano constitui o centro da eclesiologia de Von Balthasar.

 Bento XVI, no 40º aniversário de encerramento do Concilio Vaticano II assume também o pensamento de Von Balthasar ao apresentar uma síntese do Concilio: **“uma moldura mariana circunda o Concílio, na realidade é muito mais do que uma moldura: é uma orientação de todo o seu caminho” (Homilia, 8 de dezembro de 2005).**

 Como afirmado anteriormente, a “constelação” da vida histórica do Ressuscitado e tomando como base o desenvolvimento da experiência da Igreja primitiva, Von Balthasar fala de cinco princípios que constituem a estrutura fundamental da Igreja: o princípio PETRINO, o princípio PAULINO, JOANINO, JACOBEU (de S. Tiago) e **o princípio MARIANO, que compreende os anteriores.**

 O PRINCÍPIO PETRINO é o mais conhecido: relembra a figura de Pedro. A partir da leitura do Evangelho, dos Atos dos apóstolos e das cartas de S. Pedro, Von Balthasar ressalta a figura de Pedro, relacionando-a com **a proclamação do querigma e com sua realização concreta na vida cristã.** A continuidade da missão de Pedro tem a ver com o ‘Credo’ pregado de maneira ordenada, em todo o mundo, através do ministério pastoral. **É a dimensão hierárquica e institucional da Igreja, que representa a dimensão “objetiva” de santidade.**

 O PRINCÍPIO PAULINO está vinculado ao caráter missionário de Paulo, o Apóstolo dos Gentios, aquele que se tornou cristão por pura graça, sem méritos nem obras, rompendo irremediavelmente com o passado. Podemos ver como a missão de Paulo continua na irrupção do alto, imprevista e sempre nova, dos novos carismas, na história da Igreja. É um princípio profético e celeste, no qual estão implicados os grandes carismas missionários, as grandes conversões, as grandes visões com que a Igreja é brindada pelas palavras ditadas pelo Espírito. Põe o acento na extensão e na estrutura vertical da Igreja. Os grandes carismas provêm da Jerusalém celeste e deles se dá testemunho com as palavras e com a vida. Sobre essa base manifesta-se a liberdade no Espírito Santo, apesar de a submissão a Pedro ser sinal da autenticidade das missões. **A tradição paulina infunde na Igreja a visão e a certeza da salvação, através de sua dimensão carismática.**

 O PRINCÍPIO JOANINO é aquele em que Von Balthasar vê refletida grande parte de sua obra. **João é o discípulo predileto, o evangelista do mandamento novo.** Von Balthasar considera a missão de João como uma missão de unidade que continua. Sintetiza os elementos petrinos e paulinos, combinando-os com a visão contemplativa. **Todos aqueles que vivem os conselhos evangélicos encarnam essa dimensão da Igreja e têm como missão o amor contemplativo: comunicam a mensagem de que com o amor tudo é possível.** Von Balthasar **vê João e Maria tão profundamente unidos que o principio mariano e o princípio joanino nem sempre podem ser facilmente distinguidos em seus textos.**

 O PRINCÍPIO JACOBEU ou JACOBITA se baseia em São Tiago, irmão do Senhor, que parece ter ocupado o lugar de Pedro, quando esse deixou Jerusalém (Atos 12, 17). No Concílio dos Apóstolos foi o promotor da moção decisiva para a reconciliação entre os cristãos judeus e gentios (Atos 15,13-21). Entretanto, representa, sobretudo, a continuidade entre a Antiga e a Nova Aliança, representa a Tradição, a legitimação da letra da Lei contra um puro espiritualismo. É a dimensão da Igreja que afirma o sentido histórico das coisas, a continuidade, a Tradição, o Direito Canônico. **Esse princípio é personificado naqueles que têm  a missão de lembrar-nos que é preciso estar ancorado na experiência primeira e que é importante voltar às origens da nossa história cristã, para encontrar nova luz que nos permita seguir avançando.**

 O PRINCÍPIO MARIANO – Maria personifica a Igreja em dois sentidos. Primeiro porque toda a realidade da Igreja consiste em ser transparência mariana de Cristo; e depois porque Maria é a mãe que gerou o Verbo, de quem a Igreja nasce,e é a esposa que coopera com Cristo no evento da Redenção. **Maria é, portanto, aquele princípio da Igreja que abraça tudo, o ponto em que todos os demais perfis da Igreja encontram o BARICENTRO (o centro de gravidade) de sua unidade interna.**

 Particular atenção é dada à interação entre o princípio mariano e o princípio petrino. Considera dois princípios co-extensivos, em torno dos quais se desenvolve toda a vida da Igreja. **Sua interação está intimamente ligada à identidade da Igreja como “unidade entre os dois”, Cristo e a sua Esposa.**

 **Maria é o modelo de fé para todos os membros da Igreja.** Os fundamentos desse princípio se apoiam na lógica trinitária manifestada no inefável mistério de Deus, revelado em Cristo. “Ele nos deu a conhecer seus desígnios mais secretos, aqueles que havia decidido realizar em Cristo” (Ef 1,9), o que “havia decidido realizar na plenitude dos tempos’, o que outra coisa não é se não “recapitular em Cristo todas as coisas, as  do céu e as da terra” (Ef 1,10). Em todos os escritos de Von Balthasar, **Maria é uma explicação desse mistério de amor e é o modelo de nosso encontro com o mistério de Deus, revelado em Jesus Cristo.**

 Jesus, em sua vida, se rodeou de uma “constelação” humana composta por Maria, por Pedro, pelos apóstolos, pelas irmãs de Betânia, etc. Todos representam as várias missões da Igreja que se perpetuam em seu caminho histórico.

Pedro, na comunidade pascal e pentecostal, reconheceria, como os demais apóstolos, Maria como a Mãe do Senhor por sua docilidade à graça e por sua resposta à vontade de Deus. Enquanto Maria, acompanhando a Igreja nascente, veria em Pedro o discípulo a quem seu Filho entregara as chaves do Reino dos céus. **Para Maria, Pedro é o ponto de referência, no qual “se faz unidade” até o fim. Para Pedro, no entanto, a referência é Maria, porque ela, além de Mãe, é o “devenir” (futuro) de toda a Igreja. Nenhum dos dois se equivoca.**

 A característica que Maria traz é que Ela é “protótipo” da Igreja, “modelo” seu, desde o começo de sua missão, isto é, desde o acontecimento da Anunciação**. “Maria precede a todos os outros e, naturalmente, ao próprio Pedro e aos apóstolos”.** “O perfil mariano é anterior ao petrino […] e é mais elevado e proeminente, mais rico em implicações pessoais e comunitárias” 3. **O princípio mariano é**, em vários aspectos, mais fundamental do que o princípio petrino. Isso **significa que crer é mais importante do que desempenhar um ministério na Igreja.**

 Essa novidade mariológica está fundamentada na doutrina do Concílio Vaticano II e é uma das contribuições mais significativas para a renovação da Igreja. No documento conciliar ‘Lumen Gentium’, a Igreja, através da voz dos padres conciliares, “se propõe a declarar com maior precisão, a seus fiéis e a todo o mundo, sua natureza e sua missão”. No mencionado documento, a Igreja é descrita como “Povo de Deus” (9) ou “multidão congregada na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (4). No capítulo VIII do mesmo documento, dedicado integralmente a Maria, esta é proclamada “membro supereminente e absolutamente singular” (53), “protótipo e modelo acabado, na fé e na caridade” (53), dessa multidão de crentes que constitui a Igreja.

 Quando o capítulo VIII da ‘Lumen Gentium’ afirma que Maria é “protótipo” e “modelo” da Igreja, significa que ela é o modelo de cada um dos membros que constituem a “multidão de crentes”. O “sim” de Maria a Deus é o ato de amor perfeito que a humanidade já deu a Deus. A vida da Igreja continua e atualiza o “sim” de Maria a Deus, e “se manifesta, sobretudo, na santidade do amor e na vida evangélica do crente”. Para a cristandade o encontro com o Mistério do amor implica na conversão ao amor.

 A explicação da estrutura organizativa da Igreja é descrita pelo princípio petrino que fundamenta a unidade institucional. A relação de Pedro com Jesus, no início da comunidade eclesial, na fundação da Igreja, manifesta o desejo de Jesus de que Pedro seja aquele que preside na caridade e seja o centro da união de todos.

 O perfil petrino é vivido hoje pelo Papa e pelo colégio apostólico, com a ajuda dos presbíteros e diáconos, dóceis à ação do Espírito, que dirige através deles, a nau da Igreja”.

A explicação da essência da Igreja destaca o princípio mariano o qual descreve os fundamentos que sustentam a santidade de Igreja.

O perfil mariano é vivido por todos os fieis, todos os carismas, todos os profetas, todo o amor que se derrama no mundo, quando se vive a Palavra, sem subtrações nem compromissos, e quando se deixa atuar o Espírito que move os corações dos fiéis. Não se trata de dois polos em tensão, de dois aspectos a serem equilibrados, ou de duas realidades dialéticas. Não; são dois rostos concretos que se querem, servem e se necessitam; que se olham no único olhar do Senhor, que deu a vida por eles, e pelo qual também eles estão dispostos a dar a vida. O mundo tenta arrancá-los da Igreja para que seja mais um estrutura de poder, sem Maria; ou para que seja uma corrente de entusiasmo à deriva, sem Pedro. Mas nenhum dos dois será infiel.

A relação de Maria com Jesus, nos inícios da comunidade, manifesta que Maria realiza o ato de comunhão mais perfeito com os planos de Jesus, ao aceitar cumprir sua vontade. O “sim” de Maria constitui uma Aliança. Este é o motivo por que podemos falar de “rosto mariano” referindo-nos aos carismas e à santidade da Igreja.

As ressonâncias que tem a função de Maria, assim compreendida, na vida da Igreja, são numerosas: ela é o modelo de vida para o cristão; ela é o protótipo que a mulher pode contemplar para encontrar o lugar que lhe corresponde na Igreja; é o “modelo” dos movimentos eclesiais. Maria é, além disso, o caminho que conduz ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso; é aquela que pode fazer com que o cristianismo supere o risco imperceptível de tornar-se inumano e que a Igreja supere o perigo de se tornar uma função, sem alma.

O Vaticano II destacou o papel da Igreja como sacramento de unidade com Deus e com toda a humanidade. Contém tanto a unidade externa, petrina, quanto a unidade interna, mariana.

 A unidade petrina é o princípio hierárquico na Igreja.

 O elemento mariano da Igreja é a presença esponsal e materna de Maria, que confere uma unidade mariana no núcleo da Igreja celeste e terrena, na qual a ordem da natureza é aperfeiçoada pela graça; o Eros pelo ágape; o cosmo criado, pelo amor eclesial.

 Os Bispos em Aparecida nos passam esta lição: “Como na família humana, a Igreja-família é gerada ao redor de uma mãe, que confere “alma” e ternura à convivência familiar ( cf. DP 295). Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão. UM DOS EVENTOS FUNDAMENTAIS DA IGREJA É QUANDO O “SIM” BROTOU DE MARIA. Ela atrai multidões à comunhão com Jesus e sua Igreja, como experimentamos muitas vezes nos santuários marianos. Por isso, como a Virgem Maria,  a Igreja é mãe. ESTA VISÃO MARIANA DA IGREJA É O MELHOR REMÉDIO PARA UMA IGREJA MERAMENTE FUNCIONAL OU BUROCRÁTICA” (Aparecida, 268)

 Von Baltasar adverte: “Sem a Mariologia o cristianismo ameaça desumanizar-se inadvertidamente. A Igreja se torna funcionalística, sem alma,uma fábrica febril incapaz de deter-se,perdida em projetos ruidosos.

 E posto que neste mundo dominado pelos homens sucedem-se de modo contínuo novas ideologias que mutuamente se suplantam, tudo se torna polêmico, crítico, áspero, maçante e finalmente cansativo, enquanto as pessoas se afastam em massa de uma Igreja desse tipo...

 A Igreja pós-conciliar perdeu bastante seu rosto místico; é uma Igreja do diálogo permanente, das organizações, da consulta, dos congressos, dos sínodos, das comissões, das academias, dos partidos, dos grupos de pressão, das estruturas e das reestruturações, das pesquisas sociológicas, das estatísticas; ela é mais do que nunca, uma Igreja masculina...

 “Essas ocorrências tipicamente masculinas e abstratas não estariam predominando talvez por ter-se perdido a profunda feminilidade, a mariedade” (“marianidade”) da Igreja?”

E na Homilia de 1o de janeiro de 1987, na Basílica de São Pedro, dirigia a Maria esta oração:

"Tu és memória da Igreja!

A Igreja aprende de Ti, Maria

Que ser Mãe quer dizer ser uma

Viva memória, isto é, "conservar e

Meditar no coração" as vicissitudes

Alegres e dolorosas.

... quantas vicissitudes..., quantas

esperanças, mas também quantas ameaças,

quantas alegrias mas também quantos sofrimentos...,

às vezes quão grandes sofrimentos! Devemos todos,

como Igreja, conservar e meditar no coração estas

vicissitudes: TAL COMO A MÃE. Devemos aprender cada vez mais

de Ti, Maria, como ser Igreja nesta passagem de milênio."

(L'Osservatore Romano. Edição semanal em lingua portuguesa, 11 de janeiro de 1987, p. 1).

A mesma atitude é válida para todos e cada um em particular. O *"MEU DIÁRIO ÍNTIMO"* é uma história com o Deus da Aliança. Uma história a ser lida e relida como enamorados que nunca se cansam de contar e recordar...

E se entre as inúmeras maravilhas que o ESPOSO E A ESPOSA realizam entre nós, um calafrio atingir aos que queiram refletir seriamente:

* que uso se fará da energia atômica?
* E do uso *"científico"*  da genética?
* Da corrida espacial...?
* Do aumento assustador dos pobres e miseráveis?
* ???

 Que dizer diante de tudo isto?

 Uma vez mais ouçamos os ensinamentos do Beato João Paulo II:

"A atitude de Maria inspira a nossa fé.

Quando sopram as tempestades e tudo parece naufragar,

vem-nos em auxilio a memória de quanto o Senhor fez no passado. Recordemos, acima de tudo, a morte e ressurreição de Jesus; e depois as inúmeras libertações realizadas por Cristo na história da Igreja, no mundo, e na vida de cada um dos que acreditam.

Desta recordação, surge mais fecunda e jubilosa a certeza de que também no presente, por mais ameaçador que seja, o Redentor navega conosco na mesma barca. O vento e o mar obedecem-Lhe (cf. Mc 4,41; Mt 8,27; Lc 8,25). ( João Paulo II. Angelus, 31 de julho de 1983).

 A Igreja deve neste fazer "MEMÓRIA" resgatar "O PERFIL MARIANO " tão intimamente unido àquele "PETRINO" , porém anterior , mais elevado e preeminente. Um não destrói o outro mas o primeiro é quem orientará o segundo. **A HIERARQUIA TIPICAMENTE MASCULINA NÃO TERÁ "ESCONDIDO" A FACE MARIANA DA IGREJA? Resgatar a MARIANIDADE talvez seja o grande desafio da IGREJA DO TERCEIRO MILÊNIO.**

BIBLIOGRAFIA

1. BALTHASAR, Hans Urs Von. Maria icona della chiesa. Milano: San Paolo, 1988.
2. \_\_\_\_\_\_\_\_\_. A face mariana da Igreja. In Beinert, Wolfgang. O culto a Maria hoje. São Paulo: Ed. Paulinas, 1979.
3. \_\_\_\_\_\_\_\_\_. Maria per noi oggi. Brescia: Queriniana, 1987.
4. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Punti Fermi. Milano: Rusconi, 1972.
5. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Verbum Caro. Madrid: Guadarrama, 1964.
6. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Sponsa Verbi. Madrid: Guadarrama, 1964.
7. JOÃO PAULO II.Carta Apostólica “Mulieris dignitatem” (15 de agosto de 1988). São Paulo: Paulinas, 1988.
8. \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Redemptoris Mater (25 de março de 1987. Vaticano: Editrice Vaticana.
9. PAULO VI. Marialis Cultus (2 de fevereiro de 1974).Sao Paulo: Paulinas, 1974.
10. \_\_\_\_\_\_\_\_\_. Signum Magnum (13 de maio de 1967). Petrópolis: Vozes, 1967.
11. RATZINGER, Joseph & BALTHASAR, Hans Urs von. Maria, il sí di Dio all’uomo. Introduzione e commento all’Enciclica Redemptoris Mater. Brescia: Queriniana, 1998.
12. \_\_\_\_\_\_\_\_\_ . Maria chiesa nascente. Roma: Paoline, 1981.
13. LEAHY, Brendan. Il principio mariano nella Chiesa.Roma: Città Nuova, 1999.
14. DOCUMENTOS DO CONCILIO VATICANO II.
15. BENTO XVI. Exortação Apostólica VERBUM DOMINI (30 de setembro de 2010). São Paulo: Paulinas, 2010.
16. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.

**A ESPIRITUALIDADE MARIANA:**

**A EXISTÊNCIA DO CRISTÃO CENTRADA EM CRISTO.**

1. **PROBLEMAS E INTERROGAÇÕES.**

 À luz da Palavra de Deus e da tradição da Igreja nos interroguemos - quando e em que sentido a **devoção mariana** pode e deve ser qualificada como **genuína espiritualidade mariana.** Na Redemptoris Mater, João Paulo II fala explicitamente de **"espiritualidade mariana"**, afirmando que **"a espiritualidade mariana, assim como a devoção correspondente, tem uma riquíssima fonte na experiência histórica das pessoas e das diversas comunidades cristãs, que vivem no seio dos vários povos e nações, sobre toda a face da terra."**

 Seguindo os passos de São Luís Grignon de Montfort e de Afonso de Ligório, o Papa oferece uma breve descrição, chamando-a de **"consagração a Cristo pelas mãos de Maria, como meio eficaz para viverem fielmente os compromissos batismais."**

 A esta altura, é impossível não nos interrogarmos: \*em que consiste a espiritualidade mariana? Trata-se de um devocionismo imaturo, fruto da ignorância e fanatismo?

 Sabemos que algumas vezes a expressão **espiritualidade mariana** foi vista sob suspeita. É muito significativo o debate - em 1972 - na reunião anual da **SOCIEDADE FRANCESA DE ESTUDOS MARIAIS,** quando alguém chamou atenção para o perigo de por **espiritualidade mariana** evocar uma espiritualidade paralela e quase substitutiva daquela eclesial, cristocêntrica e sacramental.

 Mesmo diante de tudo isto, não podemos deixar de constatar que não são poucos oS autores que superando categorias como **"piedade mariana"** ou **"devoção mariana"**, falam de modo explícito de **"espiritualidade mariana"**. Alguns exemplos: H.U. von Balthasar, A. Bossard, J. Castellano Cervera, F. Courth, J.A. De Aldama, S. De Fiores, M.-P. Dion, M. Dupuy, D. Fernandez, L. Gallo, T. Goffi, H.M. Koster, E. Llamas-Martínez, V. Macca, Pedro de Alcántara, H. Petri, A. Royo Masrin, P.M. Siárez, A. Ziegenaus.

1. **O TERMO "ESPIRITUALIDADE".**

 O vocábulo latino **spiritualitas** é intrinsecamente polisemântico e podendo assumir um tríplice significado:

* filosófico, para indicar um modo de ser e conhecer, algumas vezes por oposição a **corporalitas** ( primeira metade do século XII);
* jurídico, para indicar os **spiritualia**, isto é, bens, funções, administração dos sacramentos, jurisdição, objetos do culto (fins do século XII), às vezes como antítese com **temporalia**;
* religioso, para indicar a vida espiritual, freqüentemente em oposição a **carnalitas** (a partir do século V°).

 O primeiro a usar a palavra **spiritualitas** se encontra numa carta atribuída a São Jerônimo (m. 420), mas provavelmente é de Pelágio (m.427). Trata-se de uma admoestação a um néo-batizado no sentido de aperfeiçoar a sua vida cristã:

 **"Aja de modo a progredir na espiritualidade (**Age, ut in **spiritualitate** proficias"). Esteja atento para não perder o bem recebido, comportando-se como guardião incauto e negligente. Corra para não tornar-se preguiçoso. Apressa-te para compreender com mais rapidez (...) Enquanto temos tempo, semeemos no espírito para recolher uma abundante messe espiritual".

 Dentro do contexto, a exortação exprime de maneira global as exigências da vida espiritual. Purificado pela graça regeneradora do batismo, o neófito é estimulado a progredir na vida do espírito com um comportamento que o faça amadurecer e crescer na dimensão espiritual da sua existência.

 O termo **spiritualitas**, usado inicialmente com certa afetação, a partir dos séculos XII e XIII torna-se cada vez mais frequênte em teólogos como Guilherme de Auvergne (m. 1249), Boaventura (m. 1274), Tomás de Aquino (m. 1274). É de notar que não se encontra nos autores propriamente espirituais como Bernardo de Claraval (m.1153), Hugo (m. 1141) e Ricardo de São Vitor (m. 1173). Sucessivamente o termo floresce nas linguas neo-latinas e em outras línguas.

 Em 1698, o francês Barnabé Saladin publica uma obra intitulada: **La véritable spiritualité du Christianisme ou la haute science des saints,** na qual a **espiritualidade** é vista como aprofundamento da vida interior sob o influxo do Espírito Santo e como imitação dos mistérios de Jesus

 Concluindo pode-se dizer que mesmo usado há séculos, só recentemente o termo **espiritualidade** assumiu um significado novo e expressivo a ponto de marginalizar expressões como **"vida interior"**, **"devoção"**, **"ascética e mística"** e até a locução **"teologia espiritual"**.

1. **ESPIRITUALIDADE COMO CATEGORIA ANTROPOLÓGICA.**

 O termo **"espiritualidade"** não se refere apenas ao cristianismo ou à esfera religiosa, uma vez que se pode falar de espiritualidade budista, hindu, como também espiritualidade do trabalho, do esporte, da política. Sendo o homem um espírito encarnado, há sempre a possibilidade estender-se além da própria corporalidade.

 Espiritualidade, como transcendência do espírito humano e como vida segundo o espírito, antes de ser uma categoria teológica, **é categoria antropológica**. Anterior ao significado cristão há um pré-significado humano, que põe em realce o **"espírito"** como centro animador de cada pessoa humana. Auto compreendendo-se como espírito, o homem revela a globalidade do seu ser, armonizando alma e corpo, interioridade e exterioridade, ser e agir.

 Seguindo **von Balthasar**, uma primeira e ampla definição de espiritualidade, poderia ser:

 **"Comportamento (atitude) fundamental, prático e existencial de um homem, comportamento (atitude) assumido como conseqüência e expressão da sua fé religiosa; ou, em termos mais gerais, como expressão da sua interpretação eticamente comprometida da vida."**

A espiritualidade compreendida como coordenação habitual das ações e intenções de um homem, pode exprimir-se de três diferentes modos, originando assim, três diferentes tipos de espiritualidade **"humana"**.

 Um primeiro tipo deriva do comportamento (atitude) de contemplação interior do espírito que pode traduzir-se como uma **espiritualidade do amor.**

 Um segundo tipo nasce de um comportamento (atitude) dinâmico e se exprime na espiritualidade da ação e da praxes como lugar de realização do espírito subjetivo.

 Um terceiro tipo de espiritualidade humana nasce de um comportamento (atitude) de desapego (**apátheia**), como se manifesta, por exemplo, na espiritualidade estóica, hindu ou budista da indiferença; na imperturbabilidade da mística alemã, no "nada te perturbe" de Teresa d'Ávila.

 Mais do que de três diferentes espiritualidades, trata-se, na realidade, de três aspectos ou momentos da única e complexa realidade interior do ser humano. A espiritualidade do amor acentua a transcendência do espírito sobre o mundo, em relação ao absoluto. A espiritualidade da praxes acentua a necessidade do compromisso da pessoa no mundo e na sociedade. A espiritualidade da imperturbabilidade torna evidente a preeminência do espírito absoluto sobre o espírito humano, num silêncio interior e exterior que pode tornar-se espaço para o diálogo e a oração.

1. **ESPIRITUALIDADE CRISTÃ**

 Para **von Balthasar**, os três tipos ou aspectos da espiritualidade humana realizam-se no mistério da encarnação de Cristo.

 Jesus como Filho e Palavra encarnada realiza o comportamento (atitude) de contemplação e de entrega (dedicação) amorosa ao Pai, recebendo e atribuindo tudo ao Pai, como fonte e inspiração de suas palavras e ações; seja o comportamento (atitude) dinâmica da ação e missão que conduz ao compromisso (empenho) total da própria existência como cumprimento do plano trinitário de salvação universal; seja o comportamento (atitude) interior de absoluta obediência e aceitação da vontade do Pai até à morte e morte de cruz.

 Trata-se de uma verdadeira fundamentação cristológica da espiritualidade, para a qual a contemplação do amor torna-se contemplação da caridade trnitária; o dinamismo da ação torna-se colaboração à obra redentora e o abandono incondicional à vontade do Pai se faz aceitação e manifestação, também, (inclusive) no sofrimento e na morte do amor do Deus Trino.

 A espiritualidade humana torna-se cristã quando se confronta (avalia) com a pessoa e obra de Cristo e dele recebe inspiração, força e harmonia.

 Por tal referência intrínseca a Cristo, pessoa divina encarnada, a espiritualidade cristã é fundamentalmente experiência interpessoal. Jesus não é um arquétipo conceitual e abstrato, porém um modelo único e concreto, centro dinâmico e unificador de toda a existência de fé, esperança e caridade de cada cristão individualmente.

 Por isso, a espiritualidade cristã torna-se conformidade a Cristo numa relação interpessoal, experienciada na contemplação, na ação e na entrega, não a uma idéia mas sim a uma Pessoa, ou melhor dizendo, a uma comunidade de Pessoas como de fato é o Deus trinitário do cristão.

 Espiritualidade cristã é unificação e entrega da existência humana na sua totalidade, na contemplação, na ação e no abandono amoroso à Trindade, revelada por Jesus Cristo.

 Assim como é uma só fé e um só batismo, assim também uma só é a espiritualidade cristã. A multiforme riqueza dos dons do Espírito Santo permitem e legitimam uma experiência de vida cristã no contexto de escolhas carismáticas e vocacionais. Conseqüentemente, uma única espiritualidade cristã pode ser vivida numa multiplicidade de interpretações particulares.

 A espiritualidade é pois, a experiência da ação salvífica do Espírito Santo nos cristãos e a sua conformidade a Cristo na comunidade eclesial, templo do Espírito. Tudo isto é dom e tarefa, graça e compromisso, experiência jamais consumada, porém sempre aberta à realização na história das pessoas e da comunidade. O estudo científico desta experiência, sua estrutura e as leis que a regem é o que habitualmente de chama **"teologia espiritual"**. Se a espiritualidade é **experientia fidei**, a teologia espiritual é **intellectus fidei**.

 Como conclusão, dois são os dados fundamentais da espiritualidade cristã como **"experientia fidei"**:

1. A **"con-formação**" ou **"uni-formação"**, mediante a ação do Espírito Santo, da própria existência como um todo, a Cristo na comunidade eclesial (= **graça**);
2. O **compromisso** de viver esta comunhão nas situações concretas da vida (= **experiência** **da** **graça**).
3. **AS DIVERSAS ESPIRITUALIDADES CRISTÃS**

 São muitas as espiritualidades dentro do cristianismo em geral e no catolicismo em particular. Além de espiritualidade ortodoxa e protestante, pode-se falar de espiritualidade beneditina, franciscana, carmelita, inaciana, salesiana, marista. A base de todas é comum: a vida no Espírito na escuta do mesmo Evangelho, a participação na mesma eucaristia, mesma vida sacramental e mesma missão da Igreja. As diferenças que especificam uma espiritualidade devem ser observadas, não nas coisas essenciais, porém no modo de utilizar os meios que favorecem a vida espiritual, num conjunto de normas permanentes, não obstante as adaptações no curso da história, numa certa doutrina formulada a partir de escritos que desafiam o tempo.

 A distinção entre as diversas espiritualidades não está na sua finalidade, que é a mesma para todas, isto é, a santificação; porém nos meios secundários ou mais apropriadamente, na proporção do uso destes meios.

 Tem-se como exemplo, a devoção mariana sempre presente na espiritualidade ortodoxa e católica e a sua quase inexistência na protestante. Tais devoções, sempre presente na espiritualidade católica, será central junto aos discípulos de São Luís Grignon de Montfort, enquanto será mais discreta naqueles que vivem a espiritualidade inaciana.

 A identidade de uma particular espiritualidade é fruto da síntese de diversos elementos como a forma, proporção, costumes, centro vital unificador. Tudo isto confere a uma concreta experiência espiritual aquele aspecto harmônico e exemplar que a torna **"original"**, e, portanto, identificável na história, estável e resistente no tempo e no espaço.

 É esclarecedor o exemplo da ponte, metáfora que Catarina de Sena (m. 1380) usa no seu célebre **Diálogo da divina Providência**. Existem pontes de pedra, de ferro, de madeira. As temos grandiosas e célebres (poucas) e modestas e desconhecidas (muitas). Existem pontes que ligam majestosos rios ou baías e pequenas pontes sobre pequeninos riachos de montanha. Não importa a forma e o material de construção. Todas são úteis e atingem a sua finalidade, se permitem a passagem de uma margem à outra. Esta é a sua função essencial. Cada espiritualidade cristã, independentemente de suas formas concretas e históricas, enquanto existência de fé harmônica e santificante é como uma ponte que permite a passagem do mundo para a cidade de Deus.

1. **ESPIRITUALIDADE MARIANA**

 Pelo exposto até aqui, é possível questionar a existência, natureza e originalidade da espiritualidade: **há uma espiritualidade mariana?** E se existe em que consiste e em que se distingue da espiritualidade cristã? Ela faz parte essencial da espiritualidade cristã a ponto de não ser possível ser cristão, sem ser mariano ou ela é apenas um elemento secundário e opcional? Resumindo, a espiritualidade mariana é parte integrante **da ponte** **da espiritualidade cristã** ou apenas um elemento decorativo que pode ser desprezado sem prejuízo algum para a **ponte**?

 Embora haja reticências da parte de alguns estudiosos (poucos) em reconhecer e justificar a existência e a legitimidade de uma espiritualidade mariana, uma resposta positiva é apresentada por **von Balthasar**, segundo o qual **a espiritualidade mariana é fundamentalmente espiritualidade eclesial** e, como tal, anterior a qualquer diferença intra-eclesial. **Ela faz parte da estrutura da ponte**:

 **A espiritualidade mariana, considerada no seu exato sentido é idêntica à espiritualidade eclesial, precedendo a qualquer diferenciação dos carismas individuais. Por esta razão, sendo "espiritualidade das espiritualidades", é ela que dá o verdadeiro e universal espírito que fundamenta os carismas individuais ou singulares.**

 Ainda segundo **von Balthasar**, sua fundamentação bíblica está no evangelho da infância de Lucas cujos episódios estão centrados em Maria. Nele a Virgem é apresentada como **"espírito de abnegação corporal** (virgindade) quando da **Encarnação**. (Lc 1,26-38); **espírito de desapego de todos os bens (**pobreza) quando do nascimento de Jesus (Lc 2,21-40); **espírito de renúncia da própria independência** (obediência) na absoluta disponibilidade à lei do Senhor. São modalidades do amor que sabe renunciar e que pode redimir; e que muito antes de caracterizar (como conselhos) um estado determinado na Igreja, exprimia o espírito universal, eclesial-mariano do amor instruído por Cristo. De tal modo que a espiritualidade dos conselhos evangélicos não é espiritualidade de um estado particular, mas diretamente espiritualidade de toda a Igreja no seu mistério escondido de esposa.

 Em sintonia com esta visão de **von Balthasar**, alguns falam de espiritualidade mariana como reconhecimento da missão salvífica de Maria na vida do cristão e como veneração da Bem-aventurada Virgem Maria enquanto incentivo consciente na formação da vida cristã. A espiritualidade mariana é uma realidade não opcional, porém radicada na própria essência da espiritualidade da Igreja. Mais do que um relacionamento episódico e superficial, **a espiritualidade mariana é vista como "uma coincidência permanente, íntima e unificadora entre o cristão e Maria, sob o influxo do Espírito Santo".**

1. **CRITÉRIOS DA ESPIRITUALIDADE MARIANA**

 A espiritualidade mariana como experiência de vida com o Deus Uno e Trino mediante um explícito e constante referimento a Maria, não é nem arbitrário e muito menos superado devocionismo, nem tão-pouco um aspecto facultativo e marginal da vida batismal, ela representa uma dimensão constitutiva do ser cristão com sólida raiz bíblica e eclesial.

 Desde o início a Igreja viveu este **"tom"**, esta **"nota"** mariana, contemplando em Maria a mãe sempre atenta para socorrer e ajudar, a mãe a quem Jesus confia os discípulos, a mãe recolhida em oração com os apóstolos na expectativa da vinda do Espírito Santo.

 Com base nos dados bíblicos e na tradição, pode-se resumir a quatro, as características fundamentais de uma autêntica espiritualidade mariana que se tomadas a sério, conduzem a uma plena vida batismal no Deus Uno e Trino.

 A espiritualidade mariana está, portanto, caracterizada por uma quádrupla dimensão:

* trinitária;
* eclesial;
* antropológica;
* praxiológica.

 Estes aspectos constituem ao mesmo tempo, critérios de discernimento e de avaliação da sua autenticidade.

1. **VIVÊNCIA TRINITÁRIA: EXPERIÊNCIA DE COMUNHÃO COM DEUS**

Maria é uma criatura plasmada pela Trindade e **"revestida da Trindade"**: *"No mistério de Cristo, Maria está presente já 'antes da criação do mundo', como aquela a quem o Pai 'escolheu' para Mãe do seu Filho na Encarnação - e, conjuntamente ao Pai, escolheu-a também o Filho, confiando-a eternamente ao Espírito de santidade."(RM 8)*

1. **OBEDIÊNCIA AO PAI**

 A estrutura trinitária da existência e peregrinação de Maria é a base da espiritualidade mariana católica, que é acima de tudo, profunda experiência de vida trinitária. Conseqüentemente leva a um total abandono - na fé - à vontade do Pai. Como Maria, nossa mãe na fé (RM 12-19), a obediência filial ao Pai representa para o cristão o início do seu itinerário para a plena comunhão com Deus. Tal obediência é diálogo entre chamada de Deus e resposta da pessoa humana, entre eleição (escolha) e fidelidade, entre graça e liberdade.

 Como o *fiat* de Maria, o *fiat* de cada cristãoao Pai, significa entregar-se filialmente à sua providência, viver nesta perspectiva de fé o presente e colocar nas mãos de Deus o próprio futuro.

 Com esta condição de abandono filial ao Pai, a vida se torna uma viagem segura rumo à meta: que importa então se o mar é tempestuoso, se treme a terra, se o céu está nublado, se a noite está escura e fria, se não compreendemos tudo, se os outros não nos amam, se nos sentimos sós ?

 A fé nos assegura que estamos cercados do amor do Pai e que onde estamos nós ali também está o Pai que nos compreende e nos ama. Portanto, não vivemos em terra estrangeira, mesmo quando não sabemos falar e escrever a língua de um povo. Na realidade, nossa pátria é Deus - Pai nosso e pátria nossa -, rico em misericórdia, que nos fala a língua do amor e da misericórdia.

 Espiritualidade mariana é acima de tudo viver, como Maria e com a ajuda de Maria esta realidade do amor filial a Deus, Nosso Pai.

1. **COMUNHÃO COM O FILHO**

 Essa espiritualidade implica também, a comunhão íntima com Jesus, Filho do Pai e nosso redentor e salvador. Para Maria esta convivência não foi apenas uma experiência maravilhosa da maternidade na alegria e ternura. Foi isto sim, um quotidiano e penoso conhecimento do Filho, na fé: *Maria, "a sua mãe, vivia na intimidade com este mistério somente mediante a fé!"* (RM 17).

 Não obstante as contrariedades, as incompreensões, as desilusões ela, cada dia, acredita no Filho. Maria vivia com o Filho e no Filho, não com a limpidez luminosa de um conhecimento solar, mas sobretudo na fé: *"... até aquela a quem tinha sido revelado mais profundamente o mistério da sua filiação divina, a sua Mãe, vivia na intimidade com este mistério somente mediante a fé! Encontrando-se constantemente ao lado do Filho, sob o mesmo teto, e 'conservando fielmente a união com o Filho' Ela* ***avançava na peregrinação da fé'"*** (RM 17).

 Maria é mãe do Filho, mas é sobretudo, sua discípulo: da anunciação ao calvário, é um continuo aprender com o Filho e compreender o Filho. A proximidade física tornava mais aguda para ela a dificuldade de captar na sua profundidade o mistério do Filho. Não a compreensão, porém a sua fé era igual ao seu amor de mãe.

 Como Maria, também para o batizado, a vida com Jesus é vida de fé que traz sempre uma particular dificuldade do coração em reconhecer nos acontecimentos e nas pessoas o desígnio de Deus e o rosto do seu Filho. Para compreender e reconhecer Jesus é necessário retirar constantemente o véu da história e a tela (a aparência) das criaturas.

 **A piedade mariana, portanto, não é inércia, porém, uma aventura dinâmica para descobrir o rosto de Cristo na história a no mundo.**

 Esta **"peregrinatio fidei"**, não se dá sem uma ajuda do próprio Cristo. É fortalecida pela comunhão eucarística, o grande **"mysterium fidei"**, que constitui o modo com o qual Jesus permanece conosco até o fim dos tempos. A eucaristia, fonte da piedade mariana, é, pois, a nossa maneira terrena, histórica e eclesial de viver e conviver no Filho e com o Filho. Por conseguinte, uma autêntica espiritualidade mariana é também experiência eucarística e sacramental.

1. **CORRESPONDÊNCIA AO ESPÍRITO SANTO**

 Como sacrário do Espírito Santo, Maria foi a primeira criatura que viveu plenamente no Espírito e segundo o Espírito, desde o primeiro momento da sua existência terrena até a sua gloriosa ascensão ao céu. É a criatura **"espiritual'** por excelência, a quem o Espírito dotou de grande santidade. O Espírito a enriqueceu de tal modo com os seus dons a ponto de fazer dela o seu ícone.

 Espiritualidade mariana é vida no Espírito.

 Espiritualidade mariana é experiência a ser vivida como morada (sacrário) do Espírito Santo, ostensório da caridade divina, para ser portador dos frutos do Espírito: *"Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio. (...) Pois os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos. Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta."* (Gl 5,22.24-25).

 Espiritualidade mariana é vida de santidade no Espírito, existência pentecostal, não fechada e sectária, porém aberta à universalidade, à compreensão dos valores dos outros, à descoberta da presença do Espírito no cosmos.

 Obediência ao Pai, comunhão com o Filho, correspondência aos dons da graça do Espírito constituem a estrutura portadora da espiritualidade mariana.

1. **VIVÊNCIA ECLESIAL.**

A Igreja existiu desde a encarnação, certamente não em sua forma institucional - somente muito mais tarde Jesus chamará os doze e os enviara com plenos poderes para pregar e administrar os sacramentos - , mas numa forma tão perfeita ('imaculada', Ef 5,27) como jamais se registrará depois. A idéia realizadora da Igreja está no início; tudo o que segue, também o ministério com suas funções salvíficas, é secundário em relação a ela, embora não marginal, já que a Igreja tem em vista justamente recuperar e salvar o mundo pecador. Em Maria, a Igreja já assumiu a figura corpórea antes de estar organizada em Pedro. A Igreja é em primeiro lugar - e este 'em primeiro lugar' é algo permanente - feminina, antes de receber o seu lado masculino complementar no ministério eclesiástico. (cf. Hans Urs von Balthasar. Maria icona della Chiesa, 45-47)

A experiência de vida trinitária é vivenciada concretamente na comunidade eclesial. A vida de fé, iniciada com o batismo, se desenvolve, se fortalece e se aperfeiçoa na Igreja através da celebração e da participação nos sacramentos.

Espiritualidade Mariana é alcançar, como Maria, a fonte da graça. A celebração, - por exemplo, nas festividades marianas ou nos pios exercícios do Ângelus e do rosário-, não é apenas exaltação e louvor à Virgem Mãe, mas também canto de glória pelas grandes coisas que o Senhor realiza nas criaturas e tomada de consciência do nosso contínuo chamado à graça e santidade.Celebrar Maria é celebrar a graça de Cristo nela, em todos os cristãos e na humanidade inteira.

Ao longo da História da Igreja, são muitos os modos, os lugares e os tempos de celebrações a Maria. Da oração pessoal e íntima às celebrações litúrgicas oficiais ( oração das horas, celebração eucarística); do rosário às procissões; da meditação espiritual e teológica à consagração e às peregrinações aos santuários; das orações diante da imagem da Virgem, aos tríduos, novenas, mês de maio, "**peregrinatio Mariae”.**

As celebrações marianas não podem ser consideradas um fim em si mesmas. Sua finalidade é orientação a Cristo, único mediador, e à Igreja, seu sacramento de salvação. O recurso confiante à proteção e intercessão de Maria tem uma intrínseca e fundamental dimensão cristocêntrica e eclesial.

São Marcelino Champagnat definia o terço como uma devoção a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Mãe, a Virgem Maria.

Uma constante da espiritualidade mariana é a celebração da salvação nos sacramentos da reconciliação e da eucaristia. Já lembrara Teilhard de Chardin:

"Desde as origens da preparação messiânica até à Parusia, passando pela manifestação histórica de Jesus e pelas fases de crescimento de sua Igreja, um só acontecimento se desenrola no mundo: a Encarnação realizada em cada indivíduo pela Eucaristia" ( O meio divino,100)

Maria é "**Odigitria”**, aquela que chama (atrai) os batizados para a Igreja e os guia para Jesus.

A experiência de vida trinitária é vivenciada concretamente na comunidade eclesial. A vida de fé, iniciada com o batismo, se desenvolve, se fortalece e se aperfeiçoa na Igreja através da celebração e da participação nos sacramentos.

Há, portanto, uma íntima relação entre a piedade mariana e a vida eclesial e sacramental. Este é um critério primário de discernimento da genuína espiritualidade Mariana.

10. O CORAÇÃO NOVO. DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA.

A espiritualidade mariana torna-se experiência de re-fazer a autêntica imagem do homem e da mulher recriados pela graça divina. Essa traz em si o reforço ou a recuperação dos hábitos virtuosos, continuamente debilitados ou destruídos pala infidelidade do pecado.

 É experiência de viver não mais com o coração de pedra, mas com o coração novo, com o coração de carne (cf. Ez 36,26-27), com o próprio coração de Jesus.

A espiritualidade Mariana é, portanto, a experiência da humanidade nova em Cristo "**novo Adão”** a exemplo de Maria "**nova Eva”**.

 A comunhão trinitária vivida e experimentada na celebração sacramental, favorece esse metabolismo espiritual.

O cristão aqui na terra nutre-se com o pão de vida eterna, restituindo às fibras do seu coração a robustez e a transparência da graça.

Espiritualidade Mariana é entrar na lei do amor trinitário para restituir à humanidade um horizonte de amor.

 Deus é amor (1Jo 4,8.16).

E por amor o Pai envia o Filho” *“Deus amou tanto o mundo a ponto de dá o seu próprio Filho unigênito”(Jo 3,16)*

*.* O amor do Pai é transmitido à humanidade por meio do Filho: “*Como o Pai me amou assim também eu vos amei.”(Jo 15,9)*.

 O grande amor de Jesus atinge o seu vértice na obediência ao Pai, sobre a Cruz: *“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos.”(Jo 15,13)*.

Jesus amou os seus discípulos até o fim”(Jo 13,1): *“Cristo me amou e entregou-se por mim”(Gl 2,20).* O amor é o novo mandamento”*O amor foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado”.(Rm 5,5)*

Maria foi a primeira criatura a viver com este coração novo, inteiramente recriado pela graça divina trinitária.

A espiritualidade mariana como espiritualidade do coração novo, torna-se a espiritualidade da civilização do amor. Uma vez mais, esta não se revela como devocionismo estéril , porém como existência de amor cristão maduro e autêntico.

 Nas pegadas de Maria "**mulher espiritual”**, "**experta na vida da graça”**, "**mulher do coração novo”** , os cristão são chamados a fazer a experiência de uma vida de amor não alienante, mas altamente humanizante, que os leve a degustar (saborear) o valor pleno de sua humanidade.

Na Igreja, Maria ocupa o lugar do coração, e Jesus aquele da cabeça.

O coração porque Maria conserva a experiência mais íntima de Jesus.

O coração porque ela - com João - transmite o que de maior deixou Jesus: o amor, o amor ÁGAPE que vem de Deus e é infuso pelo Espírito Santo.

O coração porque, plenificada dos dons do Espírito Santo, Maria é a figura da dimensão carismática da Igreja que caminha lado a lado daquela institucional.

Graças a ação do Espírito Santo nela, Maria permanece para todos em todos os tempos, o coração da Igreja.

Maria não é apóstola, nem profeta, nem teóloga, é mais que tudo isto, porque não disse, não anunciou, não "elaborou um discurso teórico" sobre Jesus: gerou e nos deu, duas vezes Jesus: segundo a carne e segundo o Espírito.

Os elementos essenciais desta espiritualidade mariana do coração, podemos assim sintetizar:

1. **ter os mesmos sentimentos do coração de Jesus** com uma grande paixão amorosa pela vida, sem distinção ou preferência de qualquer espécie;

2. **ter as mesmas atitudes de Jesus,** empenho no anúncio do reino e sua     antecipação por meio dos sinais concretos do acolhimento, da escuta, do perdão, da ajuda;

3. **ter a mesma coragem de Jesus** na entrega             obediente ao Pai, assumindo a  paixão redentora;

4. **imitar e existência (a vida) de Jesus,** celibatário pelo reino, como sinal do amor universal e realização de maternidade e paternidade espiritual.

Trata-se de uma proposta espiritual profética e utópica, sugestiva para todos, a ser vivida na experiência e ação quotidiana.

**11.MARIA E APOSTOLADO – DIMENSÃO PRAXIOLÓGICA.**

A pedido do Cardeal Suenens, de uma referência a Maria e o apostolado, o Vaticano II assim se expressou:

 "Esta Virgem deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens"(LG 65)

A espiritualidade mariana tem, portanto, uma dimensão de vida apostólica e de ação.

 A experiência pneumática de Maria tem uma dimensão **ad extra** para os outros, como expressa na visita a sua prima Isabel ou nas Bodas de Caná.

 A "**lex credendi, celebrandi et vivendi”** se realiza, pois, na "**lex agendi”**. A oração a Maria torna-se ação mariana.

Neste engajamento concreto, Maria nos convida a seguir não tanto o que ela fez, quanto aquilo que Jesus disse e fez (cf. Jo 2,5). A ação apostólica mariana conserva sempre este característico rosto (perfil) cristocêntrico e eclesial.

O encontro, o conhecimento e a contemplação de Maria se encarnam num estilo de vida que torna mariana a ação de cada cristão e da inteira comunidade eclesial.

Na vida apostólica deve-se "***receber Maria conosco”***, como fez João, sob mandamento expresso de Jesus: *O Espírito Santo se alegra em realizar maravilhas onde Maria é invocada, chamada como ajuda na obra apostólica.*

São muitos os campos deste compromisso apostólico nos quais se pode exprimir uma autêntica espiritualidade mariana:

\* no campo sacramental, mediante uma pedagogia da conversão que se manifesta em gestos concretos de justiça e concórdia;

\* no campo eclesial, contribuindo no diálogo, na compreensão, no perdão, na solidariedade;

\* no campo ecumênico, colaborando com a oração à Mãe da reconciliação, para promover a comunhão entre os cristãos, superando os preconceitos de índole histórica e psicológica;

\* no campo missionário, incentivando com a ajuda da "**Estrela da Evangelização”** (EM 82) o compromisso em anunciar o mistério salvífico de Cristo ao mundo inteiro.

**A espiritualidade mariana deve conduzir a uma autêntica**  *inculturação mariana,* isto é, fazer penetrar na humanidade de hoje , virtudes como o amor, a defesa da vida, o acolhimento dos desconhecidos, estrangeiros, anciãos e dos "**diferentes”** (drogados, excepcionais físicos e mentais, descriminados por raça, religião, sexo, condições sociais, enfermidades).

Trata-se de criar uma cultura da ternura e da misericórdia para contrastar sempre mais com uma cultura agressiva, desapiedada, promotora de guerras, tensões, ódio, morte, violência, divisões.

Espiritualidade Mariana é, portanto, não só comunhão com Deus, mas comunhão e serviço com os irmãos.

 É uma espiritualidade que, a exemplo de Maria, quer exprimir-se com fatos (meditação e ação) muito mais do que com palavras. E quando venham pronunciadas palavras, sejam elas, reveladoras de vida e ação ( **Fiat, magnificat...**).

É a espiritualidade plena do "**fazei”** ("**faça-se”).**

Maria, de fato, disse aos serventes em Cana: "Fazei o que Ele vos disser”. (Jo 2,5), o que corresponde exatamente ao que Jesus deixou como testamento aos seus discípulos: “Fazei isto em minha memória(Lc 22,19).

 **No** "**fazer eucarístico”**, a espiritualidade mariana se dissolve e torna-se união e comunhão trinitária, isto é, autêntica espiritualidade cristã.

**CONCLUSÃO.**

 Os evangelistas - particularmente Lucas - apresentam como características do discípulo de Cristo o 'ouvir e praticar' a Palavra.

 "Eis a tua mãe" é a palavra que ouvimos de Jesus, no seu testamento (cf. Jo 19,25-27). Permanecendo apenas como ouvintes, não somos ainda, verdadeiros discípulos. É indispensável o 'praticar' de João: 'o discípulo a recebeu em sua casa, isto é, entre suas coisas próprias".

 Receber Maria significa "OUVIR E PRATICAR" a Palavra de Deus.

 Receber Maria é acolher um DOM que o próprio Jesus faz a todos aqueles que "ouvem a Palavra de Deus e a observam"(cf. Lc 11,27-28).

Receber Jesus e receber Maria é uma coisa só.

MARIA,

"Tu és memória da Igreja!

A Igreja aprende de Ti, Maria,

Que ser Mãe quer dizer ser uma viva memória,

Isto é, 'conservar e meditar no coração'

As vicissitudes dos homens e dos povos;

As vicissitudes alegres e dolorosas."

(João Paulo II, 1° de janeiro de 1987)

Da verdadeira vida de intimidade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Maria é 'typus', para todos os homens e mulheres de boa vontade.

 A espiritualidade mariana não pode ser equiparada com outras espiritualidades existentes no campo da multiplicidade da Igreja. Esta espiritualidade (enquanto espiritualidade realmente mariana e não a espiritualidade de uma corrente ou de uma personalidade isolada entusiasmadas com Maria) esta espiritualidade, afirmamos, é, antes de tudo, o ponto vivo sobrenatural-pessoal na qual toda a mera objetividade da Igreja se transformou desde sempre numa subjetividade e numa individualidade 'cheia de sangue', mas também é o ponto no qual toda a individualidade e subjetividade delimitadas diante da plenitude da Igreja se abrem à objetividade desta.